

EM CENA: UMA PROPOSTA DE LEITURA SEMIÓTICA DO SANTO E A PORCA, DE ARIANO SUASSUNA, PARA O 9º ANO, ATRAVÉS DE OFICINAS EM UM CADERNO DIDÁTICO

ON SCENE: A PROPOSAL FOR A SEMIOTIC READING OF THE SAINT AND THE PORK, BY ARIANO SUASSUNA, FOR THE 9TH GRADE, THROUGH WORKSHOPS IN A DIDACTIC NOTEBOOK

Maria Ducilene Medeiros Carneiro¹


José Jacinto dos Santos Filho²

RESUMO: Esta pesquisa tem por temática a leitura semiótica da peça teatral: “O Santo e a Porca”, de Ariano Suassuna, à luz da teoria semiótica de Charles Sanders Peirce, por meio de oficinas em um caderno didático. O objetivo geral foi propor um caderno de atividades didáticas de leitura com base na semiótica a partir de imagens literárias da obra “O Santo e a Porca”, de Ariano Suassuna, como contributo para formação do leitor e, como específicos: refletir sobre a formação do leitor literário; explorar imagens literárias/semióticas da obra em estudo; refletir sobre o gênero dramático na sala de aula; e explorar o potencial imagético e identitário da obra. Este artigo está vinculado à pesquisa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade de Pernambuco, *Campus Mata Norte*, concluído em 2023. A metodologia é de pesquisa qualitativa. Para a realização desta pesquisa, refletimos sobre o autor, sua obra, aulas espetáculos e entrevistas por ele concedidas. Tivemos alguns aportes teóricos como Vassalo (1993); no percurso da Semiótica: Santaella (2003), Nöth (2017), Pignatari (2004) e Fontanille (2019). Para o texto teatral: Magaldi (1998) e Grazioli (2019); sobre leitura literária: Freire (1993), Rojo (2012, 2017), Cosson (2014), Lajolo (1988), Solé (1998), Zilberman (2009), Colomer (2003) e outros. Os resultados obtidos demonstraram que o procedimento teórico apoiado na semiótica peirciana, alinhado a uma metodologia de ensino de leitura sistematizada, pode ser aplicada ao texto literário com promoção da compreensão das imagens sugeridas pelo texto, com alargamento das semioses vivenciadas pelo leitor.


Palavras-chave: Leitura literária. Ensino de literatura. Semiótica. Teatro Ariano Suassuna.

ABSTRACT: The theme of this research is the semiotic reading of the play "The Saint and the Pig", by Ariano Suassuna, in the light of Charles Sanders Peirce's semiotic theory, through workshops in a didactic notebook. The general objective was to propose a set of didactic reading activities based on semiotics using literary images from Ariano Suassuna's "The Saint and the Pig" as a contribution to reader education and, specifically: to reflect on the education of literary readers and the dramatic genre in the classroom; to explore literary/semiotic images from the work under study and the imagery and identity potential of the work. This article is linked to a research for a Professional Master's Degree in Literature at the University of Pernambuco, Mata Norte Campus, completed in April 2023. The methodology is qualitative research. In order to carry out this research, we reflected on the author, his work, classes, shows and interviews. We had some theoretical contributions such as Vassalo (1993); in the Semiotics path: Santaella (2003), Nöth (2017), Pignatari (2004) and Fontanille (2019). For the theatrical text: Magaldi (1998) and Grazioli (2019); on literary reading: Freire (1993), Rojo (2012,2017), Cosson (2014), Lajolo (1988), Solé (1998), Zilberman (2009), Colomer (2003) and others. The results obtained showed that the theoretical procedure based on Peircian semiotics, aligned with

¹ Universidade de Pernambuco. E-mail: mducilene.carneiro@upe.br

 <https://orcid.org/0000-0002-8883-9585>

² Universidade de Pernambuco. E-mail: jacinto.santos@upe.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1197-1924>

● [Informações completas no final do texto](#)

a systematized reading teaching methodology can be applied to the literary text to promote understanding of the images suggested by the text, broadening the semiosis experienced by the reader.

Keywords: Literary reading. Literary teaching. Semiotics. *Ariano Suassuna's* Theater.

Primeiro Ato - Uma Introdução

O ensino brasileiro, sob todos os aspectos e, considerando todas as áreas de conhecimento, vem demonstrando ao longo das últimas décadas a necessidade urgente de se trabalhar mais efetivamente com a competência leitora.

Em todos estes quase vinte anos de vida de professora, observamos as mais diversas “desculpas” para o que muitos consideram a falta de prazer/desejo/vontade das crianças e adolescentes para com o texto e, principalmente o texto literário. Em contramão aos muitos discursos de alunos e professores, buscamos promover o gosto pela leitura literária. Pois, em toda nossa carreira acadêmica e profissional, encontramos a necessidade de ler, como sustento para o conhecimento ou como calor e acalento nos momentos de prazer. Em contextos acadêmicos, desde a graduação, com a especialização e agora com o mestrado, buscamos respaldo teórico para essa aventura que vivenciamos diariamente no chão da escola: promover a aproximação íntima, desafiadora e competente dos discentes com o texto literário. Nessa busca, passamos por alguns estudos teóricos de nomes conhecidos como: Cosson (2014), Lajolo (1988), Zilberman (2009), Jouvre (2012) e outros que alimentam a crença no que parece impossível - promover a formação do leitor do texto literário competente e prazeroso. No entanto, mesmo com o espelho nas práticas individuais de vida e de trabalho do valor e riqueza da leitura literária, ainda persiste o problema de como promover competência e prazer na leitura. E, ao concebermos a leitura como espaço de construção de sentido, nos firmamos numa proposta didática de caráter libertadora e dialógica do ensino de leitura literária que possa levar o leitor a adotar uma atitude responsiva em face do texto, e para nossa prática de sala de aula, optamos pela leitura literária, pela grandeza cultural e estética e sua ficcionalidade.

O autor Ariano Suassuna foi presentificado pela proposta de interação com a linguagem, melhor empatia e identificação com personagens, cenários e variação da linguagem. Também por ele fazer parte de uma literatura que favorece o sentimento de pertencimento cultural e linguístico e a formação da identidade cultural dos seus leitores. Essas justificativas fazem parte das orientações enfatizadas nas diretrizes da BNCC (2017),

que reforçam a importância da oferta para leitura de textos multissemióticos, a fim de corroborar a formação de um leitor mais competente na leitura de textos com linguagens variadas, autores e estilos diversos e temáticas que façam ressonância tanto com o mundo do aluno quanto com suas expectativas acadêmicas.

Ao optarmos por Suassuna, indagamos qual, dentre sua vasta produção, iríamos nos deter? Com as pesquisas e estudos vislumbrados durante o Mestrado Profissional em Letras, fomos nos direcionando a uma só obra: a peça teatral “O santo e a porca”, de Suassuna, como *corpus* da pesquisa. A escolha desta peça justifica-se pela percepção mais ampla dos conceitos de texto, não mais caracterizado apenas pelo escopo verbal, mas como um objeto cultural, histórico e social e por trabalhar com duas modalidades: oral e escrita. Também, por possuir linguagem e temáticas apropriadas ao público-alvo, o nono ano do Ensino Fundamental. Nesta aventura do texto teatral Magaldi (1998) e Grazioli (2019) foram nossos principais guias.

O Santo e a Porca é um roteiro teatral em três atos que aborda a religiosidade e a avareza de uma forma bem caricatural. Essa comédia do autor une inspirações universais com a cor local, personaliza o espírito brasileiro e nordestino através de personagens, cenários, linguagem e narrativa que favorecem a identidade cultural dos educandos, pois estes se reconhecem nessas aventuras e encontram referências nesses dramas em seus pares, familiares e vizinhos. Essa peça teatral, bem ao estilo das tramas de Vicente, Shakespeare, Molière e principalmente da obra *Aululária* (conhecida como *A Marmita*) de Plauto e, nacionalmente, se aproxima do cordel e dos folguedos populares.

Um dos grandes desafios colocados aos professores da educação básica é tanto a seleção diversificada dos textos a serem lidos quanto, e sobretudo, o modo como eles serão trabalhados. Então, como olhar o texto literário para caminhar pela aventura do ensino e da aprendizagem da construção do leitor literário competente? Imaginávamos, inicialmente, viagens às artes: cores e formas - tão recorrentes no cenário nordestino, representadas nas imagens literárias (pinturas, esculturas e arquitetura na arte Armorial e xilogravuras) que tão bem caracterizam personagens e cenários das aventuras contadas por Suassuna; música armorial - influenciadas pelo Maracatu rural, cavalo marinho e literatura de cordel, que, como os artesãos das formas, valoraram e valorizam a cultura brasileira desta região; as letras de Plauto, Gil Vicente, Molière, Shakespeare, cordelistas e contadores de causo como Leandro Gomes de Barros e tantos outros de onde Suassuna bebeu e mergulhou,

criando a dicotomia entre o local e o universal. Tomamos como alicerce para o diálogo com o texto de Suassuna os estudos da semiótica, pois sob esta perspectiva, a leitura constitui-se em estratégia de significação mais elaborada na construção de semioses. Justifica-se pela constatação das dificuldades na formação de leitores críticos e competentes e busca de novas estratégias de leitura literária. Essa escolha justifica-se também pelo fato de que a teoria geral da significação (semiótica) se ocupa da análise de qualquer texto: verbal, imagético, gestual, multimodal em busca da construção de significados.

Mas, quais estratégias usaríamos para orientar a leitura da obra? Resolvemos trabalhar com oficinas, porque a leitura está cada vez menos alfabética, pois os textos lidos pelos alunos estão mais visuais, sincréticos e audiovisuais. Então, o Caderno Didático, com oficinas de leitura da peça e textos aporte, é o produto da pesquisa. O caderno favorece a integração de gêneros, suportes e mídias variados, para fornecer recurso didático alternativo para professores e alunos e uso de linguagens contemporâneas para validar suas vozes.

Delimitado o curso, mergulhando na literatura, percebemos que, nas veredas da Semiótica, havia três grandes correntes da semiótica, de traços comuns e fundantes que permeiam essas linhas de pensamentos diferentes, sejam pelas peculiaridades do objeto de pesquisa eleito, seja pela necessidade de afirmação e delimitação de fronteiras de usar atividades e dos objetivos a que elas se propõem. Ao tecermos considerações sobre as três principais correntes da semiótica: americana, francesa e russa, observamos que as semelhanças e diferenças estão margeadas pelas possibilidades de confronto ou encontro entre signo, narrativa e texto cultural. A semiótica de Peirce (2017), americana, está alicerçada no princípio de que o homem jamais terá acesso à realidade tal como ela é, visto que tudo o que existe não se apresenta, apenas se representa por meio de sinais. São os sinais que Suassuna (re)apresenta ao leitor, signos de elementos religiosos e materiais, de raízes e concepções humanas das mais variadas manifestações emocionais e simbólicas. Já a semiótica de Greimas (2008), francesa, está mais preocupada em descrever os processos de construção de sentidos do que em entender os mecanismos de representação da realidade e, é nessa busca que os personagens da mítica Ariana estão engajados, pois eles se enraízam no imaginário popular e são reflexos dos mais profundos discursos de sobrevivência e manipulação. Muito mais ligada aos avanços da sociologia e da antropologia, a semiótica russa contempla as descobertas da teoria dos sistemas, não

mais contrapõem cultura à natureza e tem sua preocupação centrada no estudo da comunicação, da interatividade social e do comportamento humano, entendidos como fenômenos da natureza. Nesta perspectiva, os personagens de Suassuna comprovam que a cultura está calcada na natureza e dela se alimenta, dando suporte às interações sociais e a identificação simbólica com o mundo que os cerca.

Nessas interseções de teorias, encontramos a tricotomia peirceana, onde a Primeiridade ou qualidade, refere-se ao texto, marco da originalidade livre que chega ao leitor de forma visceral, com variações espontâneas e infinitas a cada leitor. A Secundidade ou razão/ação são os impactos do texto junto ao vivido do autor/leitor, criando experiências, ou conexões de experiências ao conhecimento de mundo e de texto do leitor. E, por fim, a Terceiridade ou mediação, processo que se forma na construção de sentidos, no crescimento de conexões e ressignificações que podem ser *ad infinitum*, mas que dependem das reações do leitor e do contato do texto com o lido. Então, acreditamos que a semiótica de Peirce pode favorecer a formação de leitor crítico e consciente nos processos de construção de semioses e também explicar os signos que Suassuna apresenta ao leitor.

Nessa pesquisa, nos concentramos no problema: como a obra “O Santo e a Porca”, de Ariano Suassuna, pode contribuir para a formação do leitor do texto literário? Em busca de respondermos esta questão, objetivamos propor um caderno de atividades didáticas de leitura com base na semiótica a partir de imagens literárias da obra “O Santo e a Porca”, de Ariano Suassuna, como contributo para formação do leitor. E especificamente: refletimos, à luz da semiótica, sobre a formação do leitor literário; exploramos, à luz da semiótica, imagens literárias da obra em estudo; refletimos sobre o gênero dramático na sala de aula; e exploramos o potencial imagético e identitário da obra.

Segundo Ato - Texto Literário

Adotamos a definição de leitura como um processo de produção de sentidos que acontece a partir das interações sociais e dialógicas entre o leitor e o texto, onde o leitor se torna coautor do texto, pois produz sentido, está dialogando com o autor, com outros textos lidos, com o contexto de produção, de leitura e com os intertextos.

A leitura literária tem se tornado alvo de discussões nos meios acadêmicos e entre professores, quanto às práticas realizadas em sala de aula e no contexto de documentos

oficiais. O espaço da literatura tem sido diminuído paulatinamente nos documentos oficiais. Nas “Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental”, apenas o item 9 trata exclusivamente do texto literário, ao propor que os estudantes devam:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BRASIL, 2018, p. 85).

Nas práticas de sala de aula, as atividades de leitura, muitas vezes desestimulam e afastam o prazer de ler, pois acabam ocorrendo como “desculpa” para ensino de gramática ou gêneros textuais. Há que se promover mudanças, pois a literatura precisa fazer parte do currículo do ensino, dentro e fora da sala de aula. De acordo com Machado (2002), a escola é uma das instituições que reforçam e legitimam os bens culturais. Ele coloca a leitura literária no mesmo patamar de relevância que os demais gêneros privilegiados na escola.

A leitura literária convive com inúmeros outros tipos de leitura, entre elas aquelas voltadas para as necessidades práticas da vida cotidiana [...] mas ela instaura um tipo de pacto com o leitor que a distancia das outras práticas sociais “letradas”. (...) Esse pacto se dá – quando se dá – via experiência estética, uma experiência na linguagem da invenção, do jogo simbólico que busca representar realidades não percebidas pela linguagem da comunicação usual, corriqueira. A sua natureza é ficcional e o conhecimento na leitura literária chega-nos através do envolvimento emocional, sensível, de participação e fruição no ato de ler (MACHADO, 2002, p. 71).

Cosson (2014) fala que, por meio da leitura da literatura, temos acesso a uma diversidade de textos, com multiplicidade de formas e pluralidade de temas. A literatura incorpora de maneira única diversos discursos de uma sociedade.

O conhecimento literário, suas manifestações, autores e obras possibilitam o indivíduo dialogar com seus pensamentos mais íntimos, ao mesmo tempo em que se aproxima também do coletivo e se reconhece como parte dele. Dessa forma, a literatura é uma fonte de formulação de hipóteses, mesmo metafóricas, da própria vida. A literatura propicia uma abordagem de conhecimento múltiplo, crítico e prático, tal como se pode ver na fala de Cosson:

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade (COSSON, 2012, p. 17).

O letramento literário está ligado diretamente à apropriação dos conhecimentos advindos da obra literária, seja essa obra canônica, popular, escrita, oral, adaptação em suportes vários, como o cinema, o teatro etc. Em referência à natureza das obras literárias, vale lembrar o que diz Jouve (2012, p. 9-10):

Sem dúvida, as obras literárias são, antes de tudo, textos. Mas a linguagem não se limita à literatura. Embora frequentemente seja mais agradável estudar a literatura, ela dá provas de um funcionamento particular, que não cobre a totalidade do campo da linguagem. A análise das obras literárias precisa, assim, ser completada pelo exame de outros fatos linguísticos, que remetem mais explicitamente a certos mecanismos de linguagem.

Consideramos que o letramento literário pode favorecer a formação do leitor e temos por letramento literário a ampliação dos modos de ler, de conhecer e relacionar culturas e estéticas, bem como obras literárias aos acontecimentos da vida real de forma crítica e analítica. Vem a ser também, o conhecimento, reconhecimento, internalização e utilização dos possíveis saberes obtidos através da leitura e das demais manifestações literárias.

Terceiro Ato - Semiótica Do Texto Literário

Definir Semiótica depende da linha teórica devido à quantidade de teorias, embora o “núcleo” das ideias seja idêntico; muitos teóricos acrescentaram, digamos, características particulares, de acordo com sua visão de signo e de discurso. Entre essas, podemos citar os três principais: a linha americana baseada na obra do Filósofo e Lógico Charles Sanders Peirce; a russa ou da cultura, cujo principal nome é Iuri Lotman; e a corrente francesa que tem por maior expoente o Algirdes Julien Greimas e estes foram inspirando muitos outros ao redor do mundo. As três correntes podem favorecer a formação de leitor competente e consciente dos processos de construção da compreensão textual. Peirce, conhecido como o iniciador da semiótica americana, pareceu-nos mais interessante para o desenvolvimento deste artigo.

Baseando-nos nas ideias sobre a semiótica peirceana estudada por Santaella, Nöth (2017) e outros, podemos dizer que a semiótica americana pode favorecer a explicação dos signos que Suassuna apresenta ao leitor e o trabalho com as oficinas nas tricotomias de Peirce vai nortear este caminho pela obra *O Santo e a Porca*.

O texto, sob a perspectiva semiótica, constitui-se em elementos a partir de linguagens distintas, compondo uma única grandeza semiótica final. Nos textos, o enunciador, apoiado no que quer dizer, organiza seu texto de modo que todas as

linguagens ali presentes se articulem para gerar um único efeito de sentido resultante da combinação dos elementos multissemióticos. Na presentificação do discurso através do texto, o leitor pode produzir maior variedade de semioses e elaborar estratégias de significação mais elaboradas.

Pignatari (1974), sensível em suas reflexões, observa a universalidade que o signo, nos moldes peirceano, pode alcançar e enfatiza que, para este semioticista, “todo pensamento é um signo e o próprio homem é o pensamento, ou em outras palavras, é o próprio signo (p. 25)”. O signo, sob visão de Peirce, “é uma relação triádica complexa e, somente através do entranhamento dessas relações podemos captar a dinâmica entre o signo e a mente interpretadora” (SANTAELLA, 1996, p. 193).

Outro lado da tríade peirceana é o *representamen* que diz respeito à relação entre o signo e ele próprio, “pode ser sua qualidade, sua existência concreta ou seu caráter de lei, advém da teoria das potencialidades e limites da significação”. (SANTAELLA, 2004, p. 10).

Já na terceira ponta, temos o objeto - “para que algo possa ser um signo esse algo deve representar, como costumamos dizer, alguma coisa”. (PEIRCE, 2017, p.47). Ressaltamos que objeto peirceano, necessariamente, não é apenas objeto, pode ser pessoas, sentimento, ou seja, algo que o signo se refere.

Para que haja esta primeira tríade, faz-se necessário o interpretante que “é a significação do signo” (PEIRCE, 2017, p.47); ou “é o processo relacional que se cria na mente do intérprete a partir da relação de representação que o signo mantém com seu objeto” (SANTAELLA, 1999, p. 58/59). A interpretação é um processo dinâmico na mente do intérprete e Peirce introduziu o termo *semiose* para caracterizar tal processo. (SANTAELLA, 1999, p. 58/59). O signo, sob a perspectiva de Peirce, não é algo fechado em si mesmo, mas um emaranhado de relações, dando margem a uma rede de conexões ou modos de apreensão: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.

Primeiridade ou qualidade, refere-se ao texto, marco da originalidade livre que chega ao leitor de forma visceral, com variações espontâneas e infinitas a cada leitor. Onde Quali-signo é a qualidade pura e simples, impressão imediata, sensação sem concreta existência, pode ou não se efetivar. Roça os sentidos, (na peça de Suassuna é a mensagem). Enquanto o Sin-signo é a singularidade do Quali-signo, ocupa lugar no espaço e tempo (objeto carta). Legi-signo é a identidade cultural das palavras, manifestações emocionais e simbólicas. Há concordância sobre o que representa por convenção/lei - (correspondência).

A Secundidade ou razão/ação são os impactos do texto junto ao vivido do autor/leitor, criando conexões de experiências ao conhecimento de mundo e de texto do leitor. Onde o Ícone é a qualidade do objeto, quase-signo, possibilidade, sugestão, representa a dependência, a relação de semelhança entre signo e objeto e produz imponderáveis comparações - (na peça de Suassuna é o Santo). Já o Índice não guarda semelhança com seus objetos, mas é uma impressão “digital” do objeto, sempre dual e determinante - (escultura do Santo Antônio). Por outro lado, o Símbolo é a qualidade gerada por hábito, onde a relação entre signo e objeto é arbitrária, legitimada por regras, ação-reação. A representação do objeto se dá pelo conceito - (Símbolo de Santo Antônio como socorro dos pobres).

A Terceiridade ou mediação, processo que se forma na construção de sentidos, no crescimento de conexões e ressignificações que podem ser *ad infinitum*, mas que dependem das reações do leitor e do contato com o texto lido. O Rema é a hipótese, signo compreendido, mas sem contexto. Enunciado impossível de averiguar, nem falso nem verdadeiro - (o termo tesouro). O Dicente é o signo que veicula informação, passível de julgamento, sentença - (enquanto o Rema é o termo tesouro, o Dicente é uma sentença: Margarida é o tesouro de Euricão). O Argumento são as Informações comprovadas por fatos, definições precisas, convencimento de uma tese. Ex.: “Enquanto Eudoro considera Margarida como maior tesouro de Euricão, Euricão acredita que a porca é seu tesouro.”

Nesta circularidade de tríades de Peirce, o leitor vai compreendendo o texto. No entanto, vale ressaltar que o ensino deve ser através da semiótica e não ensinar semiótica, visto que os alunos do ensino básico não precisam aprender estes conceitos, mas sim os caminhos de compreensão das semioses possíveis, compreender que os signos possuem processos de formação e interrelações de qualidade, existência e lei.

Quarto Ato - Textos do Gênero Dramático

As crianças e os adolescentes vivem dramas pessoais que muitas vezes não conseguem compreender e a arte, a ficção podem dar-lhes condições de compreender suas realidades ou aceitá-las. O texto teatral pode fazer com que o impacto do trágico de seus dias seja amenizado, corroborando com que através das relações da ficção com a realidade do outro possa contribuir com a compreensão de sua própria realidade de forma mais suportável e, por vezes, agradável.

O teatro pode tornar os educandos pessoas mais confiantes em si próprias, com mais segurança e respeito pelos seus sentimentos e também pelo sentimento dos outros, com capacidade para pensar sobre o que lhes é imposto pelos meios de comunicação de massa. A arte pode fazer isso: abrir caminhos para que as pessoas se tornem mais críticas e mais sensíveis, dando sentido e significado ao que realmente tem importância neste borbulhar de criações de pseudo-arte da indústria do entretenimento (SITTA; POTRICH, 2005, p.115).

O teatro é uma arte de caráter revolucionário e transformador por permitir ao ser humano a possibilidade de pensar e de si pensar. É capaz de dar sua contribuição para resgatar o ser humano em sua totalidade - corpo, mente e espírito. (SITTA; POTRICH, 2005, p.142). O letramento do texto teatral, pode colocar em intersecção três áreas: a leitura, a literatura dramática e a arte cênica. Então, o teatro na escola precisa ser inserido não apenas pela via do espetáculo, mas por meio da leitura do texto teatral. Contudo, a estrutura do texto teatral precisa ser conhecida pelo aluno.

A arte dramática “desenvolve uma série de hábitos e atitudes que irão influenciar no seu comportamento afetivo e cognitivo”. (BARCELOS, 1975). O texto teatral é objeto de transmissão e recepção de múltiplas linguagens envolvidas, é o lugar da reorganização dos signos do mundo, mais propriamente como uma possibilidade de se ler o mundo.

O teatro é apresentado pela BNCC (2017) com o objetivo de envolver como ler, criar, atuar, produzir e refletir com viés artístico, fazendo com que o aluno, na sua caminhada de aprendizagem, expresse: pensamento, sensibilidade, intuição, emoção e suas subjetividades. Além de contribuir para o pensamento crítico, o diálogo, respeito as diferenças e o exercício da cidadania. O texto teatral trabalhado na escola pode valorizar a diversidade de semioses, pois possui múltiplas vozes: o autor, diretor, atores, expectadores e leitores. Estas vozes podem proporcionar a construção de múltiplas semioses, corroborando com a formação crítica e a experiência estética.

Quinto Ato - O Protagonista Ariano Suassuna

Autor de muitos textos que transparecem a riqueza cultural e tradições do Nordeste, possui uma obra muito diversificada, compreendendo peças teatrais, romances e poesias. O dramaturgo enriquece mais a sua estética por fundir elementos que, geralmente, estão isolados em outros autores: o popular e o erudito, o espontâneo e o elaborado, a linguagem comum e o estilo polido, o regional e o universal. Assim, sua maneira de apresentar os caracteres se baseia na forma popular brasileira, inspirada nas influências da literatura

ibérica medieval, sendo um contador de “causos” que dispensa sutilezas ou requintes, mas esbanja criatividade, criticismo e humor. “Sou a favor da internacionalização da cultura, mas não acabando as peculiaridades locais e nacionais”. (SUASSUNA, 1975, p.1).

Embora ele tenha causado algumas polêmicas na defesa ferrenha da língua e cultura brasileiras e nas obras consideradas “intertexto/paródia/recriação” de obras de cordel e romanceiros brasileiros e ibéricos, não deixa de ser considerado um autor de renome nacional e respeitado internacionalmente, não apenas por sua produção, mas também pelo seu discurso professoral e na defesa da identidade cultural e linguística. Ao falar em Suassuna, é praticamente impossível deixar de atravessar os aspectos da valorização da cultura brasileira e da língua portuguesa. A cultura nordestina é quase um personagem em todas as obras do autor.

Quinto Ato - Cena 1 - Influências de Ariano Suassuna

Inicialmente, precisamos destacar que, embora alguns críticos falem em reescrita, transcrição ou plágio, o dialogismo de Suassuna não é algo particular ou aleatório. Mikhail Bakhtin (2000), no início do século passado, já procurou explicar a influência que temos em nosso discurso com outros discursos, ao mesmo tempo, influenciando e sendo influenciado por outras vozes.

Os discursos são atravessados pelas palavras de outrem, a palavra desse outro é influência inegável na constituição de qualquer enunciado. Examinando esse “real funcionamento da linguagem”, pode-se entender o dialogismo como lugar das relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados (FIORIN, 2006, p. 19).

Na obra, *corpus* desta pesquisa, *O Santo e a Porca* (2003), é perceptível o diálogo com o texto *Aululária* de Plauto, perceptível antes mesmo da leitura da obra, uma vez que o autor coloca no subtítulo: “imitação nordestina de Plauto”. Plauto (1888), em “*Aululária*” também conhecida como “*A Marmita*”, aborda com bom humor, a questão do homem dominado pela avareza. No decorrer desta trama, os diversos diálogos do protagonista Euclião com outros personagens confirmam o caráter avaro desse personagem. Na peça de Suassuna, *O Santo e a Porca*, o protagonista Eurico Árabe (Euricão) é um velho avaro, devoto de Santo Antônio que esconde em sua casa uma porca de madeira cheia de dinheiro que foi herdada de seu avô. Percebemos claramente pontos de convergência de alguns aspectos entre as duas peças: o cômico, a avareza e o protagonista a proteger

seus bens guardados em objetos (marmita/porca) de outros personagens. Porém, ao escrever a sua história, Suassuna acrescenta a “cor local”, através de cordéis, romanceiros populares, percepções do mamulengo, circo e figuras de sua infância, bem como a influência de outros dramaturgos. Muitos críticos dizem que O Santo e a Porca é apenas uma transposição da obra de Plauto para uma linguagem atual. Silva (2015) fala que

No momento em que Suassuna opta por replicar enunciações sem que haja nenhuma aproximação à cultura brasileira, ocorre uma mudança no crédito da obra do escritor. A designação “Imitação nordestina de Plauto” perde legitimidade, circunscrevendo-se apenas a uma “Imitação de Plauto”. (SILVA, 2015, p. 45).

A produção literária e teatral de Suassuna notabilizou-se pela presença de inúmeras vozes discursivas que dialogam entre si:

PLAUTO – o uso do personagem pícaro em suas obras.

O pícaro busca deixar claro que a justificativa para suas mentiras são as relações desiguais, os maus-tratos do patrão, a pobreza. [...] Talvez, então, a imagem do pícaro na cultura brasileira seja aquela que funciona como um condutor para esta veia de busca pela justiça. (MARCONI, 2000, p. 80-81).

- Relação antagônica e crítica entre o religioso e o profano.
- Crítica social através do riso.

MOLIÈRI

- Pícaro.
- Relação antagônica e crítica entre o religioso e o profano.
- QUIPROQUÓ - (diálogo entre personagens em que enquanto um pensa estar falando sobre um assunto, outro na verdade, fala de algo divergente, assim provocando uma confusão de interpretação e duplos sentidos).

CERVANTES

- Pícaro
- Loucura – personagens com dificuldade de separar realidade de imaginação.
- Mentira – personagens que fazem uso da mentira como artifício do riso e de fuga da realidade cruel.

SHAKESPEARE

- Críticas mordazes – análise das mazelas sociais e relações de domínio das classes.
- Amores impossíveis – amor tido como salvação e convívio de indevidos socialmente diferentes.
- Fantástico – imaginário a serviço análise social

GIL VICENTE

- Tradições clássicas e cultura popular – muito presente na estética e na crítica social e linguística dos dois teatrólogos.

- Tragédia e comédia – assim como relação tradições clássicas e cultura popular, autores usam os opostos para análise das mazelas sociais.
- Crítica social através do riso – o riso como artifício da crítica.

CIRCO

- Fantástico
- Palhaço – o circo manifesta-se de forma transfigurada, como pano de fundo para as reflexões de Suassuna.
- Trupe mambembe - o autor cria a sua própria companhia itinerante, o Circo da Onça Malhada, e assume o papel do “Palhaço” e do “Dono-do-Circo” no comando das suas aulas-espetáculo, apresentando-se com a sua trupe de artistas pelas defendendo a cultura e arte brasileira.

XILOGRAVURA

- Símbolos culturais – tanto com presença gráfica nos livros quanto com as descrições de seus personagens e cenários.
- Clima e vegetação – na descrição dos personagens, cenários e características do povo.

CORDEL

- Folclore – parte da cultura e marca das tradições que influenciaram a formação do Brasil.
- Humor crítico
- Valores culturais e ideológicos.

As semelhanças são várias, nos nomes e características dos personagens, mas “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto (KRISTEVA, 2005, p. 68). Leyla Perrone e Moisés (1990, p.94), em seus estudos sobre intertextualidade, apresenta que a literatura é produzida por retomadas de outros textos e nos esclarece que “a literatura se produz num constante diálogo de textos”.

Quinto Ato - Cena 2 - Identidade Cultural e Estética

As formações identitárias estão estreitamente relacionadas a diversos fatores: cultura, linguagem, experiências sociais e influência de encontros e/ou conflitos com outras identidades e culturas. Portanto a identidade de um indivíduo ou de uma coletividade para se formar necessita de interação entre sujeitos, relações significativas com bens culturais, diálogo constante com estes arcabouços acumulados pela comunidade em que vive e se identifica, bem como com vivências de si e do mundo circundante.

A língua, através de suas riquezas culturais como a literatura e o teatro, corrobora a manifestação e construção da identidade de um povo. E “a escola é uma das instituições que reforçam e legitimam os bens culturais” (MACHADO, 2002), ou seja, apropriar-se, ou

ter um contato imediato com o patrimônio cultural presente na obra de Suassuna pode favorecer a promoção, divulgação e construção da identidade individual e o encontro com a identidade cultural brasileira.

A identidade de um povo também se faz pelas influências que a nação possui em sua formação. Pode-se considerar que neste mar de vozes que formam a cultura brasileira também evocam ideologias, visões de mundo, pontos de vista, toda uma polifonia que edifica e constrói a uma só voz a narrativa de um povo. A partir disso, podemos entender o discurso em defesa da cultura nordestina e brasileira propagado por Suassuna, tanto em suas aulas espetáculos quanto em sua literatura. A bandeira em defesa dos aspectos culturais de nossa nação é levantada constantemente no discurso do teatrólogo.

QUINTO ATO - Cena 3 - Linguagem

Ariano Suassuna usa uma linguagem que permite que o leitor de sua obra tenha contato linguístico/semiótico com um pouco da cultura, ideologia e dos costumes da região Nordeste do Brasil. E também é por meio dos signos linguísticos típicos do falar regional nordestino que o escritor expõe, além do repertório linguístico e cultural de suas leituras e influências europeias. Haja vista que o teatrólogo exhibe em sua história literária o contexto cultural de vivências e influências com as artes produzidas no nordeste brasileiro e das raízes Ibéricas.

Pelas influências de Suassuna, poder-se-ia imaginar que sua literatura fosse carregada de variações linguísticas de nível sociogeográfico, mas o que se percebe é que, o teatro de Suassuna apresenta certo conservadorismo linguístico, formalismo gramatical e estrutura poética/teatral bem definidos e traz uma variação linguística fluida, oralizada e bem demarcada no espaço e tempo de produção, assim como a modalidade oral, base do seu texto teatral.

Na peça *O Santo e a Porca*, algumas características do teatro de Suassuna são demarcadas pelos signos: o cômico - em várias ocasiões a mentira, avareza, quiproquós são usados para produzir o riso; a hipérbole - avareza de Euricão; o quiproquó - Caroba, através do jogo de duplos sentidos, produzir várias confusões, mal-entendidos; mote - "Ai, a crise" "Ai, a carestia!", muito utilizado para reforçar a hipérbole da avareza presente na personalidade do protagonista; ditados populares - PINHÃO — Quem vive de promessa é

santo. (SUASSUNA, 2003, p.16); paradoxo - Santo (fé/religiosidade) e Porca (ambição/poupança).

O exagero que confere um caráter fantástico a um determinado signo ou personagem aparece quase em toda obra, podemos citar a avareza e religiosidade de Eurico e a esperteza de Caroba, mas poderíamos até considerar a trama como toda hiperbólica, visto que há exagero do início ao fim. Os símbolos do Santo e da Porca, são usados para marcar a crítica ao poder da manipulação e opressão dos pobres.

Outro símbolo muito utilizado é o pícaro – “um tipo inferior de servo, sobretudo ajudante de cozinha, sempre faminto, sujo e esfarrapado, manipulador dos truques necessários à sobrevivência” (CÂNDIDO, 1993, p.23). Caroba é um representante dos personagens pícaros, porque traz consigo os processos mentais de manipulação, de trapaça, do “jeitinho” de resolver os problemas, manipulando regras e pessoas para levar vantagem em tudo. Há algumas diferenças do pícaro original espanhol: O gênero (original romance - Caroba texto teatral); Protagonismo e autobiografia no original - Caroba é personagem secundária e não narradora; Personagem solitário, inadequado no original – Caroba tem companheiro de aventuras: Pinhão.

O quiproquó aparece através de um jogo de palavras e duplos sentidos que o personagem Pinhão escolhe para fazer o protagonista Eurico de bobo. Destacando seus defeitos e para desmascará-lo, expondo-o ao escárnio geral.

Um outro elemento é o paradoxo que consiste em o predicado contradizer o sujeito ou o que está para ser definido. Temos, como exemplo desse instrumento na peça, a frase de Euricão ao procurar outro lugar para guardar a porca: “[...] lá (cemitério) é o lugar que se perde tudo e não se acha nada!” (SUASSUNA, 2003, p.50). Outro exemplo do paradoxo está presente em toda peça, que é o signo o Santo (imagem de Santo Antônio) e da Porca (ambição/poupança), estes constituem relações semióticas em toda a obra.

Sexto Ato - Metodologia

A leitura semiótica da peça teatral o Santo e a Porca, de Ariano Suassuna realizou-se através de oficinas de leitura em um caderno didático. Teve como aporte textos multissemióticos (escritos, imagéticos, sincréticos, audiovisuais) dando ênfase à intertextualidade estética e temática. Todos são oriundos de contextos sociais reais: cordel, xilogravura, charge, quadrinho, vídeo resenha, vídeo animação, piada, caricatura e artigo

de divulgação científica. Uma vez que o teatro é, estruturalmente um gênero para a oralidade, então a análise das leituras (avaliação) irá acontecer, principalmente, sob esta modalidade oral.

Na pesquisa, o caderno Didático está composto de duas partes: o caderno do professor e o caderno do aluno. O caderno do professor é fundamental para contribuir com os conceitos semióticos de Peirce e as orientações de trabalho com as semioses, visto que não pretendemos ensinar Semiótica aos alunos no caderno do aluno, mas ensinar através da semiótica. O caderno do aluno começa com a apresentação: do gênero, do autor e da obra. Foram três oficinas e cada uma tem três momentos diferentes e um projeto de produção ao final de cada uma como avaliação da construção de semioses, concluindo o projeto com uma apresentação da peça de teatro. Em cada oficina, além dos textos e atividades para leitura, produção e reflexão sobre a peça de Suassuna, há a apresentação de conceitos dos gêneros dos textos aporte. Além disso, há a presença de um personagem (Arianinho) que apresenta conceitos, causos, comentários sobre personagens e críticas.

O que fazer antes das oficinas? O professor, com a ajuda da coordenação e equipe da biblioteca, pode procurar disponibilizar um quantitativo de exemplares da peça O Santo e a Porca adequado, através de doações da comunidade escolar, pedidos a outras bibliotecas ou até a compra pela gestão escolar; O educador precisa também expor à comunidade escolar o projeto a fim de obter colaboração interdisciplinar (o professor de história pode trabalhar as influências portuguesas na cultura nordestina; o professor de geografia pode falar sobre as plantas, solos e climas dos cenários presentes na peça; o professor de arte pode produzir xilogravuras com alunos, por exemplo);

Antes da proposição da leitura, há que se realizar um levantamento do conhecimento prévio do grupo sobre o autor e a obra de tal forma a, dentre tantos autores e obras, explicitar os motivos da escolha. Pode-se apresentar o contexto de produção que pode vir a situar temporal e espacialmente a produção e seu autor, podendo também contextualizar a linguagem e a estética, ressaltando que não se deve, neste momento, entrar em muitos detalhes, apenas sugerir de forma a inquietar e atrair. Neste momento, o professor é orientado a oferecer a leitura da peça através de uma estratégia de antecipação, ou seja, título do livro, imagens, personagens, capa e contracapa a fim de antecipar e chamar atenção para o assunto. Bem como falar sobre razões para seu conhecimento e orientar

onde o aluno poderá ter acesso ao livro: biblioteca escolar, sugerir a compra do livro, a fim de que nenhum aluno deixe de ler por falta do acesso à peça de Suassuna.

Na introdução do Caderno do Aluno, antes das Oficinas, o professor, através dos textos e debates, irá apresentar: o gênero Teatro, o autor Ariano Suassuna e a peça O Santo e a Porca em três momentos distintos. No caderno há textos e sugestões de debates e discussões orais e escritas através de questionamentos, pois consideramos que a apresentação do gênero, autor e obra deve ocorrer antes da leitura da obra em si.

O que fazer durante? O professor precisa identificar barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir que uma criança participe do projeto de leitura e venha a produzir semioses e apreender estratégias de leitura; precisa também refletir sobre as necessidades e diferenças de aprendizagens das crianças a fim de contribuir para superação dos desafios; precisa, ainda, conduzir os momentos de escolha de personagens e cenas de forma tranquila e não impositiva. Se alguma criança não quiser atuar, há que se sugerir outras atividades mais compatíveis com sua personalidade;

O educador pode propor que educandos trabalhem juntos, construindo semioses de forma coletiva, produzindo atividades de leitura e exposição de significados construídos a partir das leituras de forma segura e participativa. Pode também valorizar a voz do aluno e sugerir novos ouvintes através das redes sociais para compartilhar semioses da peça;

O que fazer depois? O professor pode propor uma exposição no pátio, auditório ou biblioteca da escola dos textos produzidos pelos alunos a fim de sugerir leitores para suas produções textuais; pode também propor a apresentação da peça ou cenas para pais e comunidade escolar. Chamando atenção ao fato de que cada turma ou grupo pode vir a escolher a peça de Suassuna ou a peça que consta no caderno; o educador pode ainda, propor a divulgação dos textos digitais produzidos pelos alunos em páginas de Youtube, Instagram ou Facebook da escola, caso existam, ou mesmo do professor e até de cada aluno a fim de demonstrar aos alunos que eles podem interagir com as redes sociais de forma ativa, não apenas como receptor das vozes dos *youtubers* e produtores de conteúdo.

Na prática didática da pesquisa, o caderno está organizado para ser desenvolvido por professores de língua portuguesa com estudantes do nono ano do Ensino Fundamental. Mas seus participantes também poderão ser de outras séries, com as devidas adaptações, caso educadores demonstrarem interesse pela leitura semiótica da obra literária.

O tempo sugerido das atividades é considerado 2 h/a, correspondendo a 100 minutos para cada momento das oficinas, sendo 6 aulas para atividade e 2 para as avaliações de cada oficina. O tempo de duração de cada atividade será sugerido tomando por base essa referência. Não obstante, cabe ao professor adequar os intervalos de tempo à realidade dos alunos, sala e escola onde será aplicada a atividade didática. Observando a dinâmica das atividades vivenciadas por outros componentes curriculares das aulas de língua portuguesa trabalhados pelo professor.

Os objetivos gerais das oficinas são: analisar diferentes narrativas sobre uma mesma temática, considerando as memórias individuais e coletivas, as linguagens utilizadas e as variações das linguagens presentes; analisar, de modo crítico, textos escritos e imagens de diferentes estruturas, fazendo articulação com as temáticas, linguagens e relações com contexto sociopolítico, econômico e linguístico; analisar e relacionar possíveis influências dos contextos de produção e artístico/literárias dos textos e, principalmente, observar a aplicabilidade das estruturas simbólicas da primeiridade, secundidade e terceiridade em cada oficina, ou seja, a aplicação da Semiótica peirceana na leitura e interpretação. Antes das Oficinas, o professor, através de textos e debates, apresenta: o gênero Teatro, o autor Ariano Suassuna e a peça O Santo e a Porca em três momentos distintos:

Na apresentação do teatro, trazemos um cordel de Rosarinho de Macedo, objetivando falar sobre história, característica e importância do gênero teatro, através do gênero cordel, marco na cultura do Nordeste brasileiro, presente na estética de Suassuna;

Na apresentação do autor, temos o Poema "A Chegada de Suassuna no Céu" recitado por Rolando Boldrin (<https://www.youtube.com/watch?v=lv2HpwQ62M>, canal do Youtube), sugerimos a audição do vídeo ou disponibilização em casa, para posterior debate sobre ícones da literatura e cultura brasileira presentes na fala de Rolando Boldrin. Sugerimos também falar sobre o próprio Boldrin como um ícone da TV Cultura e da divulgação da cultura brasileira. Sugerimos ainda, falar sobre as relações entre Suassuna e outros autores da cultura brasileira, reforçando o aspecto de divulgador e protetor da língua e cultura brasileira presente no autor Suassuna.

Na apresentação da obra, trazemos as Xilogravuras, como reforço a outra característica de Suassuna e para aprofundar a leitura semiótica de texto imagético. Sugerimos, além do trabalho com características do gênero, a fala sobre a xilogravura como ícone da cultura nordestina, índices como vestimentas, geografia, clima, adornos e feições

de personagens trazem a divulgação da face do povo, não apenas nordestino, mas brasileiro. Um símbolo do povo real, como Suassuna fala, a cultura popular e a xilogravura trazem isso muito simbolicamente representado.

Exemplo 1 – Apresentação obras

TEXTO: A Chegada de Suassuna no Céu, R Boldrin CARGA HORÁRIA: 2 h/a.

OBJETIVO: conhecer um pouco sobre o autor Ariano Suassuna, sua característica mais marcante: o humor, seu conhecimento e defesa da Cultura Brasileira e da Língua Portuguesa e o apreço que muitos têm de sua obra literária e teatral.

RECURSO NECESSÁRIO: datashow, computador, acesso à internet (canal youtube).

METODOLOGIA: professor apresenta o vídeo com a apresentação da poesia cantada de Rolando Boldrin. Debater sobre a temática e sobre a importância que o autor tem para a literatura e cultura brasileira. Se possível, comentar sobre algumas das personagens faladas na poesia: João Ubaldo Ribeiro que morreu pouco antes de Suassuna, todos que produziram arte e cultura para nosso povo. Chamar atenção para o fato de que Suassuna era um defensor da cultura brasileira.

Figura 1. Apresentação da obra O Santo e a Porca



Fonte: Os autores

Exemplo 2 – 1ª Oficina: A Carta

Onde ocorre a Primeiridade, qualidade de sentir, maneira rudimentar, imprecisa e indeterminada de atribuir significado às coisas. Como qualidade pura que é imediatamente sentida e percebida. Observamos as qualidades dos signos, não elaborados, sensoriais, pré-reflexivos, abstração pura, - o sentimento não analisado. A carta traz a impressão

aparente, imanente da imagem que cada um constrói: para uns, novidades boas, para outros, notícias ruins contadas. Os signos na construção das primeiras impressões estão representados em textos descritivos.

3º Momento

CARGA HORÁRIA: 2 h/a.

TEXTOS: Caricaturas: Marcus Mangili's, William Medeiros, Olegário G, Humberto Pessoa.

OBJETIVO: Observar que, assim como as primeiras impressões sobre a fisionomia e o caráter das pessoas podem ser equivocadas, as observações sobre as características físicas também o são. Por exemplo, muito Bullying é praticado por se realçar apenas determinadas características de uma pessoa.

RECURSO NECESSÁRIO: Textos impressos de caricaturas.

METODOLOGIA: Fazer leituras das caricaturas, observar os símbolos da cultura nordestina, os índices da personalidade de Suassuna. Sugerimos realizar debate oral sobre as “primeiras impressões”: O que nos leva aos pré-julgamentos? Quais emoções evocam as primeiras impressões de algo que não sabemos? O que levaria alguém a criar expectativas sobre cartas, telefones, e-mails, campanhas tocando? Neste momento, sugerimos a reflexão sobre os quali-signos, a qualidade dos signos em construção, ainda em sua concepção mais primária, que independem da elaboração mais complexa, intertextualidade ou referências culturais.

Sugerimos realizar debate sobre o primeiro ato em processo de leitura da peça de Suassuna e comparar com os textos lidos durante os momentos da primeira oficina: as primeiras impressões da Carta; as incertezas e duplos significados das piadas e as semioses do signo “tesouro” para Eurício, Dodó e Eudoro, analisando as expectativas diferentes dos personagens sobre a carta, o signo “tesouro” e a porca. Indagamos: Qual papel da cultura e valores morais para Dodó e Eurício ao presentificar o valor do signo “tesouro”? Quais valores da vivência de Eurício estão presentes ao ele ter medo e má expectativa sobre o conteúdo da carta de Eudoro? Podemos refletir sobre os conceitos Semióticos para narrativa de Suassuna sem utilizar os termos: (temos então como quali-signos), as manifestações emocionais e simbólicas das impressões que Eurício, o avaro, possui a respeito de uma carta: Querem algo dele, dinheiro (como legi-signo); observar que

uma mensagem precisa do processo relacional que se cria na mente do intérprete. Embora haja um signo concreto na mensagem de Eudoro, ele deseja pedir a mão de Margarida, a construção do signo pelos leitores vai depender das relações que se constroem a respeito do signo “tesouro”. Podemos observar também que as leis que estabelecem expectativas a respeito de cartas (mensagens) dependem das experiências pregressas do leitor e do seu estado emocional, então observamos que, indivíduos acostumados a receber apenas contas como mensagens dos correios vão criar um signo diferente daqueles habituados a receber cartas de amor, por exemplo. Refletir sobre os símbolos e índices do povo e da cultura nordestina tanto nas xilogravuras quanto nas caricaturas. Refletir também sobre a imagem do Autor Suassuna como ícone da cultura brasileira. Observar a Carta é marca da Primeiridade, porque carrega em si a construção da percepção inicial do signo, traz a força das impressões, sensações do que virá a ser, a mensagem.

Figura 2. Primeira Oficina – 3º momento



Fonte: Os autores

Exemplo 3 – 2ª Oficina: O Santo e a Porca –

Onde ocorre a Secundidade existência manifestada, observamos o signo inserido fisicamente no tempo e no espaço, há ação e reação, causa e efeito. Os signos organizam a linguagem de forma a agir sobre objetos externos e sobre o próprio eu. O Santo e a Porca constituem relações diádicas, analítico-comparativas com suas personificações de fé e poder financeiro. Os signos como registro do sentimento manifestado estão representados em textos narrativos.

2º Momento

CARGA HORÁRIA: 2 h/a.

TEXTOS: Causos: Santo do pau oco e O cofrinho porca

OBJETIVO: Observar o que faz a cultura de um povo; refletir sobre importância e se o fato de ser ficção pode diminuir a importância do folclore, lendas, causos, por exemplo.

RECURSO NECESSÁRIO: Textos impressos

METODOLOGIA: Realizar a leitura dos causos; analisar as relações dos símbolos: santo e porca presentes nos causos e na peça; debater sobre os índices de religiosidade e avareza nos objetos de Euricão; refletir sobre o porquê Suassuna usa símbolos do divino e da matéria na peça.

Sugerimos trabalhar o gênero causo; refletir sobre causos como ícone de pessoas crédulas, já que a maioria deles não se tem autoria ou a veracidade ou ficção de seus fatos é incerta. Observar que quanto mais a sociedade é supersticiosa, mais causos ela tem. Relacionar os causos com a peça: O Santo Antônio é usado por Euricão para proteger sua porca; por Caroba para proteger suas maquinagens; por Pinhão para protegê-lo de Euricão e Eudoro. A porca é usada por Euricão para guardar seu dinheiro e ele disfarça esse uso dizendo que ela é uma relíquia, herança e que seu valor é apenas afetivo. Ou seja, tanto o Santo como a Porca são signos usados na peça pelos personagens com significados diferentes e criam semioses diferentes, dependendo da forma como o leitor observa texto e contexto da peça.

Figura 3. Segunda Oficina – 2º momento



Fonte: Os autores

Exemplo 4 - 3ª Oficina: O Troca-troca

Observamos as leis dos signos em que o signo, em relação com seus interpretantes, traz a conexão entre qualidade e fato, é o pensamento em signos, diz respeito às regras, leis, que regem os fenômenos. O personagem pícaro Caroba remete a algo ou alguém que, através de um jogo racional e complexo de comunicação/manipulação, de

interconexão de dois fenômenos (pobreza e instinto de sobrevivência) em direção a uma síntese para conseguir o que quer. O pícaro (ou “jeitinho” brasileiro), sintetiza na manipulação das situações e pessoas o complexo jogo de argumentos para a sobrevivência a qualquer custo, representando assim o estabelecimento de leis gerais, formulações abstratas e conceituações. Os signos como reflexão a partir dos quais representamos e interpretamos estão representados em textos dissertativos.

3º Momento

TEXTO: Charges de Ronald Barata

CARGA HORÁRIA: 2 h/a.

OBJETIVO: Trabalhar a consciência crítica e a intertextualidade de discursos polêmicos. Bem como a argumentatividade (exemplificação, citações, relato de fatos, momento histórico etc.) e o uso de verbos da ordem do argumentar.

RECURSO NECESSÁRIO: textos das charges impressos

METODOLOGIA: Leitura das charges; análise; observar o modo de articulação entre as linguagens e a participação de cada uma para contribuir com o discurso; chamar atenção para as marcas linguísticas presentes: negrito, reticências, repetição de sons, símbolo musicais, vocabulário, onomatopeia, figuras de linguagem e sinais de pontuação que contribuem para construção de sentido; chamar atenção para as vozes presentes no texto, tanto ideológicas quanto históricas, importantes para entender a intencionalidade dos personagens e do discurso.

Sugerimos chamar atenção ao fato de que, apesar das imagens caricaturadas e do humor, não se trata de uma piada, mas uma forma inteligente de juntar o humor a assuntos sérios e que devido a sua característica sincrética, requer um leitor melhor qualificado. Sugerimos também alargar os questionamentos sobre as temáticas inseridas nas charges e na literatura de Ariano Suassuna a fim de contextualizar e ampliar o olhar semiótico. Favorecer a compreensão de que os signos se formam em gradação, que determinados vocábulos/rema necessitam de uma frase/dicente para se construir como signo ou que elas podem construir diversos signos e que, para a averiguação de verdade, há que se formar sentenças/argumento. Como por exemplo a rema “tesouro”, em que cada personagem constrói signos diferentes, havendo a necessidade de um dicente e de um argumento para que, o que Eudoro comunicou na carta, ficasse claro para os personagens. Observar

também que algumas frases/argumentos necessitam de maior comprovação a fim de completar o raciocínio, havendo a necessidade de argumentos.

Figura 4. Terceira Oficina – 3º momento



Fonte: Os autores

Sugerimos realizar debate sobre o terceiro ato da peça de Suassuna e comparar com textos lidos durante os momentos da terceira oficina: observar os argumentos da charge, poema, música e da peça em relação à fluidez dos relacionamentos, atitudes de Caroba e Pinhão.

Sétimo Ato – Considerações Finais

Um grande desafio deste artigo era como a obra “O Santo e a Porca” de Ariano Suassuna poderia contribuir para a formação do leitor do texto literário? Podemos dizer que sugerimos possibilidades viáveis e práticas para resolução deste. Assim como favorecer a identificação e consciência da identidade cultural nordestina/brasileira. Conseguimos demonstrar que as tríades peircianas podem contribuir com a compreensão dos mecanismos de representação da realidade na concretude textual e dos personagens em suas falas, pois a análise semiótica favorece a análise da mítica de Suassuna, onde personagens e cenários estão engajados e enraizados no imaginário popular e são reflexos dos mais profundos discursos de sobrevivência e manipulação, porque a semiótica pode corroborar com a análise da obra “O Santo e a Porca”, de Ariano Suassuna, de uma forma didática e, ao mesmo tempo, crítica e identitária, proporcionando a construção do indivíduo que seja leitor e mediador de várias semioses possíveis.

Referências

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de M. E. G. Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 277-326.
- BARCELOS, H. Desenvolvimento da linguagem teatral da criança. **Revista de Teatro da SBAT - Seminário de Teatro Infantil**. Serviço Nacional de Teatro - MEC, 1975. p. 30-34.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- CANDIDO, A. Dialética da malandragem. *In*: CANDIDO, A. **O discurso e a cidade**. São Paulo, Duas Cidades, 1993.
- COSSON, R. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2ª ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2012.
- FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. *In*: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos chave. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 161-193.
- GALVÃO, C. S. M; GALVÃO, A. M. **Santo Antônio**: a realidade e o mito. São Paulo: Editora Vozes, 1996.
- GRAZIOLI, F. T. **Teatro de se ler**: o texto teatral e a formação do leitor. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.
- MACHADO, N. et al. **A competências para ensinar no século XXI**. A formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- NOTH, W; SANTAELLA, L. **Introdução à semiótica**. São Paulo: Paulus, 2017.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- PIGNATARI, D. **Semiótica e Literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- SANTAELLA, L; NOTH, W. **Imagem, Cognição, Semiótica, Mídia**. 2.ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- SANTAELLA, L; NOTH, W. **Introdução à semiótica**: passo a passo para compreender signos e significação / Winfried Noth, Lúcia Santaella. São Paulo, 2017.
- SILVA, L. da. **Aululária e O Santo e a Porca**: a intersecção do cômico. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, setembro de 2015.
- SITTA, M; POTRICH, C. **Teatro**: espaço de educação, tempo para a sensibilidade. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 142.
- SUASSUNA, A. **O Santo e a Porca**. Organização Maria Amélia Mello; ilustrações



Zelia Suassuna. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

SUASSUNA, A. **Revista de Língua Portuguesa. Um autor sem medo de adjetivos, editora segmento**. Ano II, número 21. 2007.

SUASSUNA, A. **Aula-espetáculo na FACAMP**, em 2009. Disponível em www.youtube.com/watch?m3MSqbE2r04. Acesso: 22 de agosto de 2022

SUASSUNA, A. **Aula-espetáculo na SINPROSP**, em 29 de setembro de 2011, acessada. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=AXqWyMK_vQE. Acesso: 24 de agosto de 2022.

VÍDEO CURTA METRAGEM. **Cordel: A chegada de Ariano Suassuna no céu - Klévisson Viana e Bule-Bule** vídeo apresentado por Rolandro Boldrin. <https://www.youtube.com/watch?v=F8CYYCxxkqyE>. Acesso: 18 de out de 2022.

ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. p. 17-39.

NOTAS

IDENTIFICAÇÃO DE AUTORIA

Maria Ducilene Medeiros Carneiro. Mestra em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE), *Campus* Mata Norte.

E-mail: mducilene.carneiro@upe.br

 <https://orcid.org/0000-0002-8883-9585>

José Jacinto dos Santos Filho. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE), *Campus* Mata Norte.

E-mail: jacinto.santos@upe.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1197-1924>

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista ENSIN@ UFMS – ISSN 2525-7056 o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY-NC-SA 4.0), que permite compartilhar e adaptar o trabalho, para fins não comerciais, reconhecendo a autoria do texto e publicação inicial neste periódico, desde que adotem a mesma licença, compartilhar igual.

EDITORES

Patricia Helena Mirandola Garcia, Eugenia Brunilda Opazo Uribe, Gerson dos Santos Farias.



HISTÓRICO

Recebido em: 05/09/2023 - Aprovado em: 08/12/2023 – Publicado em: 31/12/2023.

COMO CITAR

CARNEIRO, M. D. M.; SANTOS FILHO, J. J. Em Cena: Uma Proposta de Leitura Semiótica do Santo e a Porca, de Ariano Suassuna, para O 9º Ano, através de Oficinas em um Caderno Didático. **Revista ENSIN@ UFMS**, Três Lagoas, v. 4, n. 8, p. 222-248. 2023.